

Trinta anos de chão de escola e a redescoberta de D'Ambrosio

Emerson Bastos Lomasso

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

emerson.lomasso@uemg.br

Doutor em Educação Matemática

Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) Ibirité

<https://orcid.org/0000-0002-2947-722X>

O Peso do Giz e a Inquietude do Mestre

Com quase trinta anos de giz e apagador, a maioria deles trilhados no chão de fábrica da educação básica, carrego comigo uma certeza que o tempo não ousou apagar: em uma sala com trinta alunos e um professor, quem adquire mais conhecimento é sempre aquele que está à frente do quadro. Durante todo esse percurso suando a camisa no magistério, tentei ensinar o que pensava saber, uma matemática que, para os olhares dos estudantes, não tinha nem pé nem cabeça.

No início, eu acreditava que o fluxo do conhecimento era uma via de mão única, partindo do meu domínio técnico em direção ao vazio do desconhecimento discente. Quão enganado eu estava!

Imagine a cena: o silêncio interrompido apenas pelo som do giz riscando fórmulas que, para muitos daqueles jovens, pareciam hieróglifos de uma civilização morta. Eu, adepto entusiasta da teoria construtivista, tentava abrir frestas para a participação. No entanto, faltava algo. Faltava a liga que une o número ao sentimento. O magistério é uma experiência grandiosa e gratificante, mas é também um exercício de humildade constante. Aprendi, ano após ano, que ser professor não é apenas ensinar a calcular a hipotenusa, mas aprender a ler os ângulos de visão de cada ser humano que me encara em silêncio.

O Encontro Adiado com a Etnomatemática

Meu primeiro contato com o Programa Etnomatemática ocorreu em 2003, durante uma especialização na Universidade Federal de Ouro Preto. Lembro-me da voz da professora Roseli Alvarenga Corrêa apresentando conceitos que, na época, pareciam-me uma "novidade acadêmica" sem lugar na minha urgência cotidiana.

Me licenciiei em 2001 com um objetivo pragmático: passar em um concurso público. O tempo era um artigo de luxo que eu não podia gastar com "temáticas alternativas".

Naquela época, a Etnomatemática era um conceito guardado em uma gaveta da memória. Eu estava ocupado demais tentando ser um "bom professor" dentro dos moldes eurocêntricos que a academia me impusera. Não percebia que, ao ignorar aquela semente plantada pela professora Roseli, eu estava fechando a porta para a compreensão da matemática como um fenômeno cultural e transdisciplinar. Eu via o número, mas ainda era cego para o "etno".

O Abismo do Desinteresse e a Pergunta Fatal

Anos depois, empossado e diante de olhares dispersos, a pergunta trivial martelava minha cabeça: "*Professor, onde vou usar isso na minha vida?*". Eu respondia com a técnica, certo de que nunca os enganaria com desculpas esfarrapadas. Entre 2010 e 2015, vi o desinteresse virar um abismo. Tentei de tudo: aulas dinâmicas, jogos e tecnologias, mas o brilho nos olhos daquela garotada só aparecia quando o assunto não era matemática.

Quando falávamos da vida deles, da estrutura das suas famílias, dos costumes, das dores que cada adolescente escondia naqueles olhares que guardavam segredos e angústias, a sala pulsava. Ali, havia escuta. Ali, havia transdisciplinaridade, embora eu ainda não soubesse nomear.

A Redescoberta e o Olhar Não Eurocêntrico

O destino agiu ironicamente comigo, me colocando como professor de Etnomatemática no ensino superior em 2022. Imediatamente revivi todas as aulas com a professora Roseli. Recorri às minhas “anotações etnomatemáticas”, lá de 2003 e foi assim que fiquei conhecendo a fundo mestre Ubiratan D’Ambrosio. Em pouco tempo fiquei íntimo dele e encantado pela sua Etnomatemática, e foi aí que tudo fez sentido para mim; a realidade se impôs frente aos meus olhos.

Lecionando também a disciplina História da Matemática, percebi o peso do eurocentrismo em todos os contextos históricos matemáticos. Incomodado com isso, ousei, enviesando a ementa para outras culturas, como o saber dos povos tradicionais, as métricas dos indígenas e a engenharia de sobrevivência dos escravizados. A matemática, enfim, ganhava cor, ancestralidade e território, graças à Etnomatemática que ignorei por tantos anos.

A Pedagogia da Alternância e o Veredito do Aluno

Certa vez, em um desses momentos onde o diálogo vale mais que o quadro negro, matutávamos – eu e uma turma de graduandos em matemática – sobre práticas matemáticas nas comunidades tradicionais e, no meio do papo, a Pedagogia da Alternância brotou como quem não quer nada. Falávamos sobre o saber que vem da terra, do tempo da colheita, da matemática que não precisa de papel para ser exata. Foi quando um aluno, com a sagacidade de quem conecta mundos, lançou a flecha:

— Professor, posso entender que a Etnomatemática está contida na Pedagogia da Alternância?

O silêncio que se seguiu não foi de dúvida, mas de revelação. Olhei para ele e vi todos os meus trinta anos de magistério convergirem para aquele instante. Não respondi de pronto. Devolvi a pergunta ao grupo, sentindo o calor de uma verdadeira

transdisciplinaridade. Naquele momento, percebi que a Etnomatemática não era apenas um método, era a ponte que unia o saber acadêmico ao saber humano.

Ali, naquele debate, compreendi que a resposta não estava nos livros, mas na alternância das nossas vozes. Aprendi, mais uma vez, que ensinar é o ato de reconhecer que o conhecimento do outro é o que dá sentido ao nosso. E, finalmente, pude responder ao meu antigo eu: a matemática é usada na vida para que possamos ler o mundo, e a leitura de mundo, como dizia Paulo Freire, sempre antecede a dos números.

A resposta para a pergunta

Ainda no fervor da sala de aula, onde a turma esperava uma resposta à pergunta lançada, minha expectativa era para os pitacos dos estudantes. Realmente eu não tinha resposta na ponta da língua e buscava um desenrolo que fortalecesse aquela cena, algo como uma mãozinha daquela galera animada com a resenha.

Contribuições apareceram, mas nenhuma que convencesse tampouco finalizasse aquela socialização. Aquele momento lacrimejou meus olhos diante da beleza que era aquele duelo de ideias, algo precioso no processo de formação. Mas eu precisava dar minha contribuição para o momento e sem poder professar algo assertivo, tomei o seguinte caminho: convidei o aluno a participar de um projeto de pesquisa cuja problemática seria a resposta para aquela abençoada indagação.

O projeto foi elaborado, submetido e aprovado e atualmente – maio de 2026 – sua execução encontra-se na fase inicial da metodologia.



Trinta anos de chão de escola e a redescoberta de D'Ambrosio

Thirty years on the school floor and the rediscovery of D'Ambrosio

Treinta años de aula y el redescubrimiento de D'Ambrosio

Resumo

Com o passar dos anos atuando no magistério, o protagonista dessa crônica elenca sua trajetória e, como sua visão de ensino e aprendizagem em matemática foi formatada à luz da Etnomatemática. A persistência na tentativa de aproximar-se dos estudantes, o desafio na busca de metodologias de ensino capazes de atrair a atenção, a crença de que a educação muda o ser humano, foram ferramentas usadas para sustentar a esperança de um sistema educacional mais igualitário. Tudo isso, somado a um pouco de ousadia, ressignificaram o olhar – antes eurocêntrico – desse educador o fazendo compreender que o aprendizado é o resultado da convivência de inúmeras culturas.

Palavras – chave: Etnomatemática. Pedagogia da alternância. Ensino e aprendizagem

Abstract

Over years of teaching, the protagonist of this chronicle traces his professional trajectory and the shaping of his vision regarding mathematics teaching and learning through the lens of Ethnomathematics. The persistent effort to connect with students, the challenge of seeking engaging methodologies, and the conviction that education transforms lives served as tools to sustain the hope for a more egalitarian educational system. These elements, combined with a sense of audacity, reframed the educator's formerly Eurocentric perspective, leading him to understand that learning is the result of the coexistence of diverse cultures.

Keywords: Ethnomathematics. Pedagogy of Alternation. Teaching and learning.

Resumen

Con el paso de los años ejerciendo el magisterio, el protagonista de esta crónica enumera su trayectoria y cómo su visión de enseñanza y aprendizaje en matemáticas fue moldeada a la luz de la Etnomatemática. La persistencia en el intento de acercarse a los estudiantes, el desafío en la búsqueda de metodologías de enseñanza capaces de atraer la atención y la creencia de que la educación cambia al ser humano, fueron herramientas utilizadas para sustentar la esperanza de un sistema educativo más igualitario. Todo esto, sumado a un poco de audacia, resignificó la mirada – antes eurocéntrica – de este educador, haciéndole comprender que el aprendizaje es el resultado de la convivencia de innumerables culturas.

Palabras clave: Etnomatemática. Pedagogía de la alternancia. Enseñanza y aprendizaje.

